

POEMAS

JOYCEMAR TEJO

POEMAS

JOYCEMAR LIMA TEJO

Estes poemas estão registrados no Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional desde dezembro de 2007. É permitida a reprodução, desde que gratuitamente e citada a autoria.

Índice

[Frontispício, uma homenagem a Maiakovsky](#)

[Uma nota do Autor](#)

[Poemas](#)

1. [O velho e o novo](#)
2. [Frágil coração](#)
3. [Programa de transição](#)
4. [Intervalo](#)
5. [Ateliê de Monet](#)
6. [Carta a um varredor de ruas](#)
7. [Do Olimpo](#)
 - 7.1. [Argonautas](#)
 - 7.2. [Hino a Atena](#)
 - 7.3. [A queda de Tróia](#)
 - 7.4. [Ninfas no banho](#)
 - 7.5. [Hino a Apolo](#)
 - 7.6. [Enéias Indígete](#)
 - 7.7. [Vênus calipígia](#)
 - 7.8. [Ícaro](#)
8. [Sem demora](#)
9. [Última visão](#)
10. [Sobre uma lenda esquimó](#)
11. [Cosmogonias](#)
12. [Revolta popular \(a pedra\)](#)
13. [Florescência](#)
14. [Quando da chuva](#)
15. [Revisitando o sonho](#)
16. [Floricultura](#)
17. [Versos para o camarada Lev Bronstein](#)
18. [Burocrata apaixonado](#)
19. [Newspaper](#)
20. [Climatologia](#)
21. [Premonição](#)
22. [Sobre Sírius](#)
23. [Pálidos momentos](#)
24. [A rosa que nasceu no concreto](#)
25. [Lênin no exílio](#)
26. [Notícias da noite](#)
27. [Aos mortos do Kursk](#)
28. [Lembrando um amor antigo, ao entardecer](#)
29. [Causa operária](#)
30. [Newspaper II](#)
31. [Ouvindo Mozart](#)
32. [Do amor como sagrado](#)
33. [Um dia comum em sua vida](#)
34. [Réquiem para a rosa que nasceu no concreto](#)
35. [Cegos](#)
36. [Ela dorme, na penumbra](#)
37. [Atravessando a rua](#)
38. [Morte e poesia](#)
39. [Bárbara](#)
40. [Versos rápidos *post mortem*](#)
41. [O Maiakovsky furtado](#)
42. [Declaração de amor](#)

[Sobre o Autor](#)

À sombra espiritual de Vladimir Maiakovsky

***Eu
Do céu poético
Me arrojao ao comunismo
Porque sem ele
Para mim
Não há amor***

(tradução de Emílio C. Guerra)

Uma nota do Autor

A Musa canta quando quer. Não vou forçá-la nem pretendo torná-la meu ganha-pão. Com todo respeito que tenho à poesia, a tenho, e a faço, como, antes de tudo, um prazer. Sou, por assim dizer, um poeta bissexto, aquele que, ÀS VEZES, escreve algo.

Não há mal algum nisso- como haveria, se para Manuel Bandeira até Homero era bissexto? "*Canta, ò musa, do pérides Aquiles...*" E eu que nem a poeira de Homero quero ser...

Como falado mais acima, estes poemas foram registrados -vale dizer, encontraram sua forma definitiva- em 2007. Começaram a ser escritos bem antes, todavia. Alguns remontam à adolescência. Muitos, e sou sincero nisso, eu não escreveria HOJE. Mas os mantive, por fidelidade à Musa.

Foi assim, afinal, que eles me vieram. Não vou rejeitar isso.

A menina-dos-meus-olhos são os sonetos de temática clássica (olha Homero aí de novo). Quem não tentou não sabe a dificuldade que é escrever daquele jeito. Construir e reconstruir um verso dezenas de vezes, para encaixá-lo na métrica certa, na sonoridade certa. E como a musa sofre! Quer cantar, mas a FORMA, maldita seja, condiciona a tudo. Mas acho que o resultado ficou bom- e olha que não são sonetos perfeitos, longe disso. Deixo isso para Olavo Bilac, "*invejo o ourives quando escrevo*" blá-blá.

Sim, sou comunista. Não abro mão de homenagear aqui a Lênin e a Trotsky (o camarada Lev Bronstein, para os não-iniciados), e lamento que o faça de forma tão inábil.

Poesia é revolução. Arte é revolução: há que avançar, mudar, melhorar.

A arte é sagrada quando não nos deixa intactos, diz Roger Garaudy. Faço dessa frase minha divisa. Que os versos a seguir não vos deixem intactos- são meus votos.

do vosso

JOYCEMAR TEJO

Rio de Janeiro, março de 2013

O velho e o novo

Todos os versos

Que outrora te escrevi

Restaram infrutíferos

 Fracos e insípidos

 Inodoros

Debalde a pena

Deu-lhes nascedouro.

Jogue fora o que escrevi.

É mesquinho,

Não vê?

Versos assim

Não

 Prestam.

Doravante

Escrevo outros.

É preciso

Uma poesia nova

Forte

Enérgica

Uma poesia

Comunista

Passional

Vibrante

Limpa de qualquer

Ranço arcaico.

É preciso

Tal poesia

Para

Descortinar

Teu coração.

Frágil coração

Havia música

Havia pessoas

Ela me olhava:

E eu que tenho esse

Coração

Sinto-me meio tolo

Meio

Vulnerável.

Não é minha culpa

Senão deste coração:

Vede, é

Frágil

E pusilânime:

-Basta pensar em você

E ele como um louco

Quer fugir

Do peito.

Programa de transição

Aos camaradas

Solene

Comunico:

-Ela que

Já foi

De muitos

Agora

É só

Minha.

Intervalo

Espalha xilocaína de leve

Nesses membros doridos

De fadigas variadas

E deixa que tuas mãos de fada

Tragam conforto passageiro.

Amanhã eis-me de novo

Bradando sob tomates

E chuvas de impropérios

Desta vez angustiado

Pois já não estarás aqui.

Ateliê de Monet

Aqui as tintas esparramavam-se
Num torvelinho plasmando-se
Na paleta.

Os pincéis ali ficavam, graves,
Esperando o momento supremo
De riscar com luz as telas.

Essas, por sinal, costumavam
Depois de um dia fatigante
Repousar naquele canto,
Tendo pintados no corpo pedaços de céu.

Ao redor anjos voavam
Flores desabrochavam
Estrelas caíam
Raios de sol congelavam-
E então capturados eram pelo pincel célere
Que os distribuía pela tela.

Vendo seu local de trabalho, penso:

De fato,

O mestre impressionista impressionou-nos

Com a impressionante impressão que sua obra deixa

Impressa

Em nossos corações.

Vão-se os homens, ficam os quadros.

Carta a um varredor de ruas

Varredor, onde está teu caçula

Que não foi hoje à aula?

Vende chicletes nos sinais

Ou chora no fundo do barraco?

É apenas uma criança, varredor,

Deveria estar estudando

E crescendo

Com dignidade.

Mas a infância dele não é pior

Do que a que o mais velho teve.

Onde estará este, por sinal, agora, varredor?

Você me diz: a polícia o levou,

Rapaz decente que era,

E ele nunca mais voltou.

Trabalhador contudo,

Ele cometeu um pecado

Sem direito a indulgência, varredor:

O de, sendo negro, voltar para o barraco

Numa noite escura.

Como tua mulher chorou, varredor,

Pelo teu primogênito!

O filho querido agora é apenas

Mais um número nas estatísticas.

De revolta, o filho do meio

Foi à boca

Olhou o chefe

E pediu função

Pois queria se vingar

E matar policiais.

Agora, varredor, teu filho

Tem uma HK

E moral na comunidade

Mas você bem sabe

Não passará dos 20.

Sinto por todos eles.

Em quem você votou

Nas últimas eleições, varredor?

Onde você estava
Quando jogávamos pedras no Batalhão de Choque
E quando por empregos
Fechávamos as ruas?
Você é um cidadão, varredor,
Por mais que insistam no contrário
E por mais que tua dignidade
Afunde na miséria.

Varredor, comece a vingar
Teus filhos hoje mesmo
No ato emblemático
De jogar um tomate
Na cara do Governador.

Do Olimpo

Argonautas

É uma coisa triste que surge à memória:

Aquelas velhas evocações do passado

Nas quais há todo um resplendor de glória

De um momento que para sempre jaz tomado.

Sinto por exemplo uma saudade plena

Daquele navegar pioneiro dos aqueus

Com altas galés cortando a maré serena

Desbravadores, Poseidon, dos mares teus.

Ousados zombavam das noites de tormenta

Quando gritavam as vagas à escuridão:

Quanto maior o perigo mais a glória aumenta,

E marinheiros buscando um sonho de Jasão

-nauta cuja alma de utopia se alimenta-

Perdiam-se nas brumas dos mares da amplidão.

Hino a Atena

Busco-te entre os deuses com olhar atento

O Olimpo todo varo em tua procura:

Pois que teu semblante repleto de doçura

Já é para minha alma mais que um alento.

Virgem filha querida de Jove trovejante

Deusa que à Humanidade toda inspira

Recebe os versos frouxos de minha lira

Que te voto com coração no peito arfante!

Diante de teu Paládio me curvarei

E teu culto terá toda minha atenção.

Vale mais tal oferenda do que a de um rei:

Aceita em sua plenitude a devoção

Que preciosa é, sem duvidar eu sei

Emanando da alma contrita de um pagão.

A queda de Tróia

Finalmente tombaste na batalha cruel

Sacra Ílion do povo troiano sitiado:

O coração dos deuses todos se encheu de fel

Tua queda inapelável decretou o fado.

Em vão morreram heróis, em vão pugnou Heitor

Debalde Dárdano ergueu tuas muralhas

Se reservou Jove a teu povo a dor

Se devias sucumbir ante as batalhas.

Mas Eneias, filho de Afrodite diva

Guardião será do futuro de Tróia

De Pérgamo haverá sempre memória:

Não terminará assim a tua história

Pois tua raça estará sempre viva,

Terás como herdeira Roma ativa.

Ninfas no banho

Lúdica visão observa agora o pastor
Oculto pelas densas ramagens do rio
(escondido tal como um ladrão sem brio)
Com o jovem coração em febril torpor.

O banho gracioso das filhas do deus
Contempla o jovem pastor admirado,
Ímpar visão que o fez largar o cajado
E mesmo os cuidados com os rebanhos seus.

Dos corpos macios o modo admira
Como bem traçadas formas resplandecem:
É fácil que tal visão de amores fira

Corações que fantasias de amor tecem.
Já o Amor travesso tange a lira
Em êxtase, na jovem alma as paixões crescem.

Hino a Apolo

Louvado seja tu, divindade solar
Doce símbolo da arte e poesia

Apenas tua presença bastaria
Para o Olimpo inteiro iluminar.

Da medicina és o modelo sem par
E da celeste música o alto guia;
Isso para encher suficiente já seria
De incenso e libações o teu altar.

Dentre os deuses situo-te no cume
Ó Febo luminoso e sereno nume:
Cingido de louros, no amor que santifica,

Seja sempre tua ara a mais rica,
E meu espírito cansado vivifica
Pois que és da Humanidade o lume.

Eneias Indígete

Os muros estão em chamas, debes partir
Ílion ao butim está fadada:
Mas em ti está a esperança do porvir
No destino que ao Olimpo todo agrada.

Ferro e fogo o caminho irão te abrir
Rumo às terras da Ausônia sagrada
Onde junto a Latino e ao Tibre a fluir
Lavínia como esposa te é dada.

Ah, filho de uma deusa, és também deus!
Mereces devoção em todos os lares
Para ti erguem-se os templos e altares:

Guiando teu povo através dos mares
Vencerás a mão nefanda dos aqueus
E terás o teu assento junto a Zeus.

Vênus Calipígia

A pele reluz, e possui o frescor
Que teria na manhã primaveril
Sob algum céu desbotado de anil
Rósea singela e solitária flor.

O rosto e o pescoço feitos para o amor

Os seios de beleza única em mil:

Ah! O lindo ventre basta para deixar febril

O coração desejando tal esplendor.

Braços e pernas, e as curvas sinuosas

Excelsa arte de denodado artesão

Divino escultor que nas formas airovas

Buscou deleite para nosso coração.

-Admira destarte as linhas graciosas

Daquela Beleza maior do panteão.

Ícaro

Diante das amplidões do infinito

Abrir as asas e lançar-se ousado:

Tal é a pura síntese do mito

Que as almas sonhadoras tem inspirado.

Do alto o mundo dos homens é bonito

Em terra, dores e trabalho malfadado;

Com minhas asas porém não me limito

Aos céus alçando meu espírito alado.

Ideal que homens do futuro sonharão

Ânsia maior é buscar a vastidão

-liberdade como nunca desejada-:

Santos Dumont em aventura arrojada

Gagarin e outros, não temendo nada

Tendo como meta do céu a imensidão.

Sem demora

Amendoeira de folhas vermelhas

Por que seus nodosos galhos

Insistem em proteger minha casa

Quando o que eu mais queria

Era receber a chuva

Em total plenitude?

Folhas rubras que cobrem o chão

Chegue sem demora a hora

Em que os galhos nus se enrijecem

De frio num inverno branco

E finalmente sem barreira

Terei chuva gelada sobre mim.

Última visão

Em teu leito de magnólias

É onde eu gostaria de estar

Quando morresse.

Segurarias minha mão

Vestida de amarelo

E quando aquela lágrima

Serena escorresse

Eu sorriria terno

Morrendo em silêncio

Tendo a tua imagem

Para sempre marcada

Em minha retina.

Sobre uma lenda esquimó

Iglulik, o velho esquimó,
Em sua cabana à noite conta histórias
Às crianças irrequietas
Sobre dois homens que chegaram
A um buraco no céu.
O primeiro que olhou pelo buraco,
Conta Iglulik, tão encantado ficou
Que abandonou o companheiro
E buraco adentro
Penetrou em êxtase
No esplendor celeste...
Talvez as crianças acreditem
Nas tradições de seu povo
Mas infelizmente, Iglulik,
O único buraco que há no céu
São aqueles na camada de ozônio.

Cosmogonias

I

Um vento quente no rosto

Tudo que me lembro

Andrômeda nessas horas

Pulsa em escarlate.

Que chuva de sóis

Seria aquela?

II

Ainda te amo

Mas não posso parar

Quem sabe o futuro

Não vai ser melhor?

Teus olhos são nebulosas

Em castanho escuro

E te amo por isso.

Mas decididamente

Não posso parar.

-disse o cometa apressado.

III

No rochedo

Um rosto humano

É enigmático

Ver tal Buda

Suspenso.

Em Marte dizem

Haver um rosto

Mas sei que deliram

Esses visionários.

IV

Da cadeira de Stephen

Hawking

Negros buracos

Rasgo no éter

Com meus dedos

Calejados.

Buracos a tragar

Pensamentos e matéria

Luz e escuro

Metafisicismos

Ignotos

Singularidades

Do absurdo.

Ah, mas que belas

Cartolas de mágico

Eles não dariam!

V

Todo corpo dela é uma galáxia

Sinto-me um cosmólogo

Fascinado:

Essa ebúrnea pele

É bem uma via-láctea

No escuro

Da alcova.

VI

Astrofísico assustado

Em estado perpétuo de assombro

Já viste tu

O nascer de deuses?

Segredos recônditos

Guardas em silêncio

No saber espantoso

De que somos todos

Feitos de sóis.

VII

Com Gagarin pela escotilha

Olho a mancha azul

No escuro.

**Medito no silêncio
De tão frágil ponto
Cravado na superfície negra
E vejo o quanto
Para mim é caro...**

**Ah, tanta coisa deixei
Para trás!
Naquela mancha azul
Os sonhos meus
Todos residem
E também aqueles
Que me importam.**

**Posso vê-los, daqui
Mas a mim
Em suas tarefas diárias
Ignoram
E eu, despercebido,
Aceno-lhes adeus
Pela escotilha.**

VIII

Ptolomeu observa

Em uma noite de maio

De uma estrela

O viscoso deslocar...

Ar soturno

O mestre revê os cálculos

E no telescópio

Espanta-se.

Pulsa a estrela

Como um coração

Gigante vermelha

Sangue que coagula

Da chaga aberta

De um deus

Rubi que resplandece

No diadema de Saturno.

Ptolomeu suspira

E resignado

Revê os cálculos.

IX

De Fáeton o carro ignescente

Rasga a tenda

Dos céus.

Cataclismo cósmico

O astro-rei em descontrole

Fustigando de chamas

O orbe.

Como pôde um deus

Assim imprudente mostrar-se?

Néscio Fáeton

Para governar o carro do sol

Deve-se antes

Governar a si próprio.

X

Do alto de uma

Pirâmide asteca

Meço os quadrantes

Do Infinito.

Não com o esquadro

A régua é vã

Inútil o compasso.

Uso o coração

E a luneta

Que alguém de outra esfera

Me legou.

XI

Shiva pisca os olhos

E nesse piscar

Estremecem mundos.

Em seu sonho

Galáxias nascem

E quando ama

Em singularidades

Traga-se a matéria.

É implacável, o deus:
As estrelas quando
Em supernova ardem
É porque estão se dando
Oferecendo-se em holocausto.

XII

Feneces em silêncio
Pálida estrela
No crepúsculo
Vejo-te sumir.

Lentamente vejo
O teu desaparecer
Avolumando-se
O escuro.

Tudo que brilha
Um dia se apaga:
Poderias ser
A metáfora para um amor.

XIII

Permita-me o colóquio

Doce divindade

Sane por obséquio

Minhas dúvidas de mortal:

Por que conhecem tanto

Os homens, do universo,

Mas tão parco saber

Têm de si próprios?

Conquistar o mundo

Sem conquistar a si próprio.

Desejar os astros

Mas ignorar o vizinho ao lado.

Parece-me incongruente

Que se alcance

Outros planetas

Enquanto aqui

No planeta azul

Ainda se morra

De fome.

Epílogo

Não ficará

O que escrevi

Versos se esquecem

E nada é imutável.

Não ficará

O que escrevi

Até galáxias

Também desaparecem

O Inefável as consome

E as torna em poeira

Apenas poeira cósmica

A salpicar pela eternidade

De Órion

A armadura dourada.

Revolta popular (a pedra)

Atirei uma pedra

Do tamanho de uma mão.

Não era pedra no entanto,

Mas meu próprio coração.

E não só o meu,

Mas de toda uma nação.

Apenas uma pedra,

Contra todo o batalhão.

Florescência

A macieira que ali floresce

Foi plantada por alguém

Já falecido.

No fundo do bosque

Ele nos legou

-mesmo morrendo-

Um testemunho da vida

Em eterna florescência.

Quando da chuva

I

Quando da chuva caírem

As primeiras gotas,

Fazendo que as aves afoitas

Busquem abrigo,

Solta teu cabelo negro

E corre para o lago,

Que sob o doce afago

Da chuva ondula manso.

Deixa que a chuva molhe

Teu corpo moreno de mulher.

E, se teu coração assim quiser,

Deita nessa relva molhada

E, de braços bem abertos,

Com o rosto colado ao chão

Entra em plena comunhão
Com a natureza ao teu redor.

Isto te fará muito bem.
Mas, se cansares então
Dessa chuva, da relva, do chão,
Se o lago já se tornou monótono,

Prende novamente teu cabelo
Volta pra casa, pro teu lugar,
E prepara cuidadosa o jantar
Que teu marido logo chega do trabalho.

II

Quando da chuva caírem
As primeiras gotas
E as aves fugirem
Em busca de abrigo,
Solta teu cabelo negro
E corre para o lago.

Deixa que a chuva molhe

Teu corpo moreno de mulher.

Também o lago recebe a chuva,

E com ela o lago cresce:

Cresce tu com a chuva, também.

Dança nas margens do lago,

E quem olhar de longe

Te tomará por uma ninfa.

Revisitando o sonho

Hoje sonhei

Que estive em um lugar

Já visitado antes

Em outro sonho:

Assim, entre

Alamedas arborizadas

E carros antigos

Tive a certeza

De que já estive ali

-mas não em matéria-

E sim com esse mesmo

Meu outro eu

Onírico.

Floricultura

Flores de pétalas frouxas

Espantosas, feéricas flores

Flores multicoloridas

Místicas, inusitadas

Tantálicas flores de Cruz & Souza

Inarticuladas e sombrias

Flores malévolas, ave Baudelaire!,

Em profusão sem ritmo erguem-se

Do teu túmulo triste

Nutridas de tuas utopias

Do velho ideal de antigos sonhos

Flores que se levantam confusas

Gerânios e jasmims

Desesperadamente infelizes

Rosas, narcisos, flores-de-lis

No teu jardim melancólico

Brotam todas tímidas

Hesitantes, suaves

Dos cravos refletindo as cores

O perfume exalando

Dos amores-imperfeitos...

Versos para o camarada Lev Bronstein

I

A injustiça

Uma resposta apenas

Merece de nós:

Repulsa sólida e olhos injetados.

Olha: há ainda a malta

Dos miseráveis

E os explorados em profusão.

Enquanto pedem que esperemos

Passam os dias mas não a injustiça.

E talvez já tenham te explicado

Ser a injustiça apenas falta de sorte e de talento

Mas essas palavras a ti fizeram rir

Como também a nós outros

As velhas promessas de dividir o bolo.

A injustiça

Uma resposta apenas

Merece de nós:

Coração engajado e punhos crispados.

II

Se há neve

O combate é mais encarniçado.

Camarada, ergue-te valente!

Vós também, lutai mais um pouco!

É a voz proletária que chama ao combate

A consciência camponesa que ressoa ao vento.

Não são tiros de fuzil, decerto,

Mas a esperança das massas

Que parece uivar, fantasmagórica

Pondo a correr os *brancos*.

Se sangras, camarada,

Nota que a cor que verte

É a mesma daquela bandeira gloriosa.

III

A construção do Novo

Requer coração puro e ânimos valentes.

O pensamento humano dignifica-se

Tendo à frente o desafio

Da construção do Novo.

Ah, que isso de utopia não existe!

Ah, que isso é mentira dos velhacos,

Dos homens maus,

Dos que prometem repartir o bolo!

Não é utopia a crença na justiça:

Bate o coração revolucionário

Enquanto pudermos nos manter de pé.

IV

A injustiça

Uma resposta apenas

Merece de nós:

Alma determinada e braço firme.

A luta contra a injustiça

No coração revolucionário

Deve ser

Imanente

No coração revolucionário

A luta contra a injustiça

Deve ser

Imanente, deve ser

Permanente.

Burocrata apaixonado

A tarde se arrasta...

Penso em você calado

Sozinho à mesa de trabalho

Construindo doces quimeras

Que jamais virão a ser...

Os processos se avolumam

À minha frente

Enquanto empilho

No castelo dos meus sonhos

Imagens amorosas de você.

Newspaper

Quando as notícias

Do jornal diário

São mais ruins que boas

Posso fechar o jornal

Mas não posso

Cegar os olhos.

Climatologia

Sob um céu nublado

É mais triste

Lembrar de você.

Porquanto o adeus sumário

Nós demos

Num dia assim:

Havia prenúncios de chuva

No céu

E de lágrimas

Nos olhos.

É mais triste, mas

Não posso

Deixar de lembrar.

Se fosse sol

De repente tudo mudaria

Mas ainda assim

Prefiro a chuva.

Premonição

Sonhei com o amanhã

Sorrindo pra mim

E tinha o amanhã

Tranças de ouro

Como uma jovem

Camponesa russa.

O amanhã do sonho

Apareceu-me assim:

Rosto arredondado

Pelo compasso da incerteza

Nariz apontado

Para o porvir,

E polpudos lábios

Vermelho- anseio.

Nos olhos não reparei:

Eram um tanto

Fugidios.

Sobre Sírius

Vejo-te no céu

Estrela primordial

Junto ao zênite

Que te sustenta

E silenciosamente

Observo teu singrar

Pela noite.

Novo Carl Sagan

Ao telescópio

Persigo-te

Coração palpitante

Como alguém apaixonado.

Fosses mulher, serias

Egípcia e morena

-Ao invés de guiar

Levarias os homens

À perdição.

Pálidos momentos

Pálidos são os momentos sem você

Constato isso

Sentado no banco de uma praça qualquer.

As folhas avermelhadas

-também é outono em nossas almas-

Cobrindo a grama

Tem um quê de simbolismo

De algo que não posso discernir.

Mas te reconheço

Em uma nuvem alta

Que não é a única, em um dia nublado:

Quando as primeiras gotas caírem,

Volto para casa.

A rosa que nasceu no concreto

Ergue-se vertical do concreto

Pálida solitária flor:

Eis o mistério da vida

Brotando do inóspito

Como o amor em corações duros.

Lênin no exílio

É noite

No desterro

E glacial

A escuridão

Mas eu

Olhos abertos

No vazio

Coração palpitante

No meu catre puído

Sonho

Com a revolução socialista.

Notícias da noite

Quando há conflitos

Convulsões no globo

Nós temos receio

Do que o futuro

Irá nos trazer.

Como um casal de idosos

Apertamos um ao outro

Abraços exangues

Ouvindo com atenção

As notícias da noite.

O futuro é tão incerto

Você me diz

Com voz sumida

E segura minha mão

Com força

Enquanto olhamos

A chuva pela vidraça.

Em nossas vidas
Nada acontece
Mas temos a certeza
De não sermos perenes.

Aos mortos do Kursk

O mar gelado

Como túmulo:

No escuro, é frio

Insuportável o silêncio.

Grandes *icebergs*

Como pedra tumular.

O jovem Piotr

Rascunha um bilhete.

Será que alguém o lerá?

O escuro é insondável

Mas o frio, acalentador.

Talvez já não seja frio.

A espera já é finda:

O mar gelado

Como túmulo

O silêncio, a mortalha.

Lembrando um amor antigo, ao entardecer

Ao entardecer

O céu fica rosa

O exato tom

Do rosto dela.

Rosa, então lilás

Até que se esfarelem

No horizonte

As nuvens do poente.

Causa operária

Fecharam a porta da fábrica

Eles que eram tão poucos

E no lugar do logotipo

Estenderam, verde e brilhante

A bandeira nacional

Só que o fim não pude ver

Precisava ir trabalhar

Mas que meu patrão não saiba

Eu torci muito por eles.

Newspaper II

Espantado fiquei, sobremaneira, quando
Na hora diária da leitura dos jornais
Em uma manhã nublada e sonolenta
Deparei com uma notícia que dizia
Quando no mundo havia rumores de guerras
Que a indústria bélica estava festejando
Ávida pelos lucros vindouros.

Quase estragou meu dia.
Como pode a vida humana valer tão pouco
E um avião de combate, tanto?
Lágrimas e sangue dão dinheiro,
Nesse mundo pré-apocalíptico.

Ouvindo Mozart

Solto ao vento

Teu pensamento foge

Veloz, esquivo

Rumo às esferas mais altas

Sem se deter

E nos astros

Situa sua residência.

É espantoso

Que o simples ouvir acordes

Opere milagres

E, como chave de prata

Seja para a alma cativa

A redenção.

Do amor como sagrado

Retirei uma pedra

Do altar de Vishnu

E após lustrá-la com esmero

A levei para a margem

De um rio sereno

Onde a usei

Para erigir

Um altar

Ao nosso amor.

Um dia comum em sua vida

As lágrimas vêm

-estranha comitiva-

E tudo redonda

em uma dor atroz.

A tristeza é uma

divindade viva

Talvez a única

que vela por nós.

Réquiem para a rosa que nasceu no concreto

Amanheceu tombada

Em meio às gotas frias do orvalho.

Talvez a tenham pisado

Talvez o solo ruim.

Como alguém que perdesse a voz

Na iminência de contar um segredo,

Como a chuva que não chega

A tocar o solo,

Ò rosa que nasceu no concreto

Que grande frustração legaste

À nossa alma!

Cegos

Cego guiando cego

Foi o que eu vi

Na calçada da direita:

O da frente- bengala

O de trás, óculos escuros.

Decerto ambos irão ao chão

Mas ainda assim há nisso

Um belo exemplo

De solidariedade humana.

Ela dorme, na penumbra

Faz silêncio. Teu corpo

Resplandece no escuro.

As curvas suaves

Mostram-se em sua nudez

Entregue, exausta

Cabelos em cascata sobre a cama

Sorriso perdido em sonhos:

-Dormes como um anjo.

Deito junto a ti

Lentamente, para que não acordes:

Guardo-te em meus braços

(do mundo te protegendo)

Ainda uma prece para nós dois

Um beijo roubado

Dos teus inconscientes lábios

E adormeço também.

Atravessando a rua

Aquele olhar trocado

Na travessia da rua

Para os transeuntes

Foi óbvio

Mas para nós

Íntimo segredo.

Felizes pedestres

Que viram

Surgir impetuosa

De uma troca de olhares

No mundo

Outra paixão.

Morte e poesia

Cronotanatognose:

Descobrir o exato momento

Em que os versos decadentes

Deixaram para trás a vida

Adentrando o Enigma maior.

As flores tão viçosas agora

Jazem no silêncio.

-Mas a poesia não morre, dirão alguns-

Porém quando ela partiu

Isso deixou de ser verdade.

Bárbara

No azul

Dos meus lençóis

Desalinhados

Na estranha confusão

Da cama

Creio ver

O teu rosto bárbaro.

Versos rápidos *post mortem*

Quando eu morri, corpo jovem alma decrépita
Silenciosamente Anúbis pôs as mãos leves
Em meu peito parado, e como fosse uma flor,
Colheu meu coração (lar de tantos anseios).

Pois era necessário pesá-lo
Naquela incorruptível balança:
Sóbrio, o deus fazia seu trabalho
E determinava o meu galardão.

O Maiakovsky furtado

Uma tarde

Após o estudo na Biblioteca

Eu, fatigado, quis ler

Algo que reavivasse

O ânimo sonolento.

Junto a Tolstoi e Gorki

Debalde busquei

O Poeta da Revolução.

Procurei e tornei a procurar

Intrigado com aquela ausência...

Da bibliotecária solícita

A informação singela recebi

- O livro que buscava

Havia há muito

Sido furtado.

Este é o país, pensei afinal

No qual se furtam

Livros às bibliotecas públicas.

Mas a indignação

Cedeu lugar à esperança:

O livro roubado não é um livro

Mas uma bomba, uma arma

A semente de uma planta forte

Que talvez brote

No coração de seu ladrão.

Declaração de amor

Amo

Como a entes queridos

Os demais

Países todos

Do Terceiro Mundo.

Da Patagônia

Ao Golfo do México

(Somente até ali

Nunca além dali)

Trago-vos

Irmãos de fardo

No coração.

No continente negro

-Vilipendiada mãe

Do gênero humano-

Tenho irmãos

E pais e mães

E irmãs.

Lá, onde

O colonialismo

Sua face mais

Cruel marcou

E na carne das crianças

Essa chaga brilha

Ainda profunda.

Também na

Ásia

Tenho pares:

Onde quer

Que o Capital tenha escancarado

Sua boca carnívora

Bem aí tenho

Junto ao coração

Os explorados todos.

E é neste amor que é solidariedade

-Desinteressado e pungente-

Que reside

Já previra Brecht

A esperança dos povos.

Sobre o Autor

Joycemar Tejo, nascido em 1978. Advogado no Rio de Janeiro. Contatos em jltejo@gmail.com


